

SOMMARIO DI TUTTI I REGNI,

Città, & popoli orientali, con li traffichi & mercantie, che iui si troua-
no, cominciando dal mar Rosso fino alli popoli della China.

Tradotto dalla lingua Porthogese nella Italiana.



'ASIA si diuide dall'Africa dal mar mediterraneo, oue è la città di Aleffandria, & dal fiume Nilo, & il mare Oceano la circonda verso mezzo di, & leuante.

Del fiume Nilo.

Il fiume Nilo ha li suoi fonti non troppo lontani dal capo di Buona speranza, & se ne viene per il paese de gli Abissini, non molto grande, & come più cammina più li va ingrossando dalli fiumi del detto paese, cōciòsia cosa che tutti vi corrano dētro, et niuno vi è che sbocchi nel mar Rosso, va poi di lungo in Egitto, & entra con molte bocche nel mar mediterraneo. Comincia à crescere à mezzo Giugno per xl. giorni, & per altritanti discresce. & tutti gli habitanti appresso di quello nel tempo della crescentia si riducono à luoghi alti, & finito di calare ritornano alle sue lianze, & allhora feminano. Et li popoli d'Egitto si regono molto obligati à gli Abissini, per cagion di questo fiume, il qual gli dà il viuere, & fanno loro grandissimo honore, & carezze, quando li veggono passare per il lor paese.

B

Delli popoli Abissini, che sono gli Ethiopi, & de loro costumi, & loro mercantie, che ui si portano, & cauano.

Li popoli Abissini confinano dalla bāda verso il mar Rosso con alcuni popoli passati di Arabia in quella parte, li Re de quali sono Mori: & da vn'altra banda col mare Oceano verso il capo di Guardafui, dritto alla costa, fino à Cefala, ma non arriuanò al mare, per molte miglia: dalla parte dell'Africa confinano con deserti grandissimi, sono Christiani, et il paese loro è molto grande, & le genti parte sono date all'armi, & mercantia, & parte coltutano la terra, & sonui assai religiosi, la terra è abbondante d'ogni sorte di vettouaglie, & di oro in gran copia, non hanno porto alcuno, se non Ercoco nel mar Rosso. La maggior parte delli lor traffichi si fanno nella città di Zeila, & Barbora, sopra il mare, & in alcuni altri porti dētro dallo stretto del mar Rosso, che sono de popoli Arabi iui habitati. q̃sti veramēte sono gli Ethiopi detti da gli antichi. hanno i lor capelli ricci, & molti di loro sono segnati nella faccia con fuoco. hanno il loro imperatore, detto il Prete Ianni, & vno patriarcha. sonui molti di loro frati, & preti. vāno spesso i peregrinaggio in Gierusalem. sono riputati huomini di verità, leali. Di questi tali molte fiati di schiaui che vengo no fatti in guerra, diuentano signori grandi, & Re, & principalmente in Bengala, Adem, Xaes, Fartaque, Delaqua, & Suaquem. le mercantie che si portano nella terra de gli Abissini, sono ogni sorte di panni di seta di colori, odori, matamugi, che son paternostri d'India di minera, pāni bāni di Cambaia, paternostri, d'ogni sorte di vetro, & cose cristalline, pāni biāchi, dattili, posti in fardi, & amfian, cioè oppio. Le mercantie che li cauano all'incontro, sono oro, auorio, & alcuni cauali piccoli, & schiaui & infinite vettouaglie.

Li Abissini
nō hāno al
tro porto
che Ercoco

Del mar Rosso, & prouincie, & isole, che sopra quello confinano.

Questo colfo di mare ha molti nomi, si chiama il fino Arabico p cōfinar cō l'Arabia, da vna bāda, & dall'altra: mar Rosso, pche nelle sue ripe verso il Suez, si vede la terra rosseggiare, & anchora da gli antichi fu chiamato Erithreo, cioè rosso. Si nomina lo stretto di Mecca, pche quidētro vi è la città di Mecca, doue giace il corpo di Macometto, al quale vāno i peregrinaggio tutti li Mori.

Mar rosso
detto dalla
terra rossa.

Dalle porte dello stretto di questo mare, fino all'ultimo luogo detto Suez, vi sono diuerse prouincie, cioè da leuante l'Arabia deserta, & Petrea. dalla banda de gli Abissini, alcuni altri popoli detti Arabi al presente, appresso le isole di Delaqua, & fino alla Mecca, dalla quale fino al Toro è la Arabia deserta, che confina verso il mar mediterraneo & verso l'Egitto.

La maggior parte delle dette prouincie d'Arabia deserta & Petrea sono dishabitate & senza frutto, & di poca acqua. Le isole popolate sono Camaram, Delaqua, Suaquem. In questo mare vi sono molti scogli, secche, & pietre sotto acqua, & non si può nauigare se non di giorno, & in ciascuno luogo si può forgere. Dalle porte del mar Rosso fino à Camaram, è il miglior nauigare, & dal Zidem al Tor, il peggiore, & dal Tor, fino al Suez, vi vanno se non barche piccole, & anchora di giorno, di maniera che il tutto è tristo, et pieno di secche sotto acqua che non si veggono. Soffiano in q̃sto colfo ṽeti colli caldi, che ciascun huomo, o animale che muoia, gli seccano così presto, che nō sentono putrefat tione alcuna, & li portano poi nell'Europa questi talr corpi,

Camaram,
Delaqua
Suaquem.

Viaggi.

ss iij

& gli

O Sudeste Asiático na *Suma Oriental* de Tomé Pires

RUI MANUEL LOUREIRO*



Carta ptolomaica, no *Liber chronicarum* de Hartmann Schedel (Nuremberga, 1493).

Tomé Pires celebrizou-se como primeiro embaixador português enviado à China e também como autor da *Suma Oriental*, o primeiro grande tratado de geografia asiática preparado por um europeu depois do descobrimento do caminho marítimo para a Índia.¹ Segundo informam as fontes quinzentistas, ele era filho do boticário de el-rei D. João II [r.1481-1495]. E, embora fosse de condição modesta, teria sido educado no ambiente da corte lusitana, já que um dos seus amigos de infância foi Lopo Soares de Albergaria [c.1460-?], importante fidalgo português que mais tarde governaria o Estado da Índia.² O próprio Pires, entretanto, numa confirmação implícita desta hipótese, faz referência no seu tratado geográfico às “delicadezas” em que se criara “viciosamente”.³

O nosso homem decidiu enveredar pela carreira paterna, pois um cronista seu contemporâneo afirma que ele desempenhou funções de boticário de membros da família real,⁴ servindo nomeadamente

o futuro D. João III [r.1521-1557], logo depois do seu nascimento em 1502.⁵ É provável que Tomé Pires tivesse começado a exercer o seu mester pouco antes de 1490, pois afirmaria mais tarde ter sido boticário uns bons vinte anos antes de embarcar para a Índia em 1511.⁶ De qualquer forma, a data do seu nascimento – talvez em Lisboa, onde residiam alguns dos seus familiares, talvez em Leiria, se aceitarmos o testemunho mais tardio, e mais controverso, do viajante e aventureiro Fernão Mendes Pinto [c.1514-1583]⁷ – seria sempre anterior a 1470, uma vez que dificilmente estaria habilitado para o exercício de um cargo tão delicado antes dos vinte e poucos anos.

A primeira fase da vida de Tomé Pires, anterior à partida para o Oriente, permanece na maior obscuridade, pois sobre ela nada mais se consegue apurar. Terá viajado para fora de Portugal? Terá feito estudos académicos formais? Relativamente à primeira questão, indícios documentais dispersos sugerem que o nosso boticário poderia ter visitado alguns portos italianos, a cidade de Azamor, no litoral marroquino, e talvez mesmo a ilha de Rodes, na parte oriental do Mediterrâneo. Contudo nenhum desses indícios é suficientemente concludente. Quanto a uma eventual formação escolar, tão pouco existem dados fidedignos. A opinião dos cronistas portugueses do século XVI é

* Doutorado em História pela Universidade de Lisboa, é professor convidado da Universidade de Macau e investigador do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (Lisboa). Actualmente é bolseiro da Fundação Oriente.

Ph.D. from the Faculty of Arts at the University of Lisbon. Visiting Professor at the University of Macao and researcher at the the Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (Lisbon). Currently holds a scholarship from the Fundação Oriente.



Carta do Estreito da Sunda de Lucas Janszoon Waghenar (1602).

ambígua. Gaspar Correia [?-c.1563] escreve que Pires era “homem muito prudente e muito curioso de saber toda as coisas da Índia”.⁸ Fernão Lopes de Castanheda [?-1559] repete que ele era “homem discreto e curioso”.⁹ E João de Barros [c.1496-1570], apesar de não esquecer que o boticário “não era homem de tanta qualidade”, reafirma a sua curiosidade de “inquirir e saber as coisas” e o seu “espírito vivo para tudo”, sublinhando ainda uma “natural discrição com letras”.¹⁰

À falta de provas concretas, podemos talvez concluir que Tomé Pires, muito embora não tivesse frequentado estudos superiores, teve ocasião de efectuar “estendidas leituras”, como ele próprio afirma, sobretudo em tempos de “benesse”, ou seja, em momentos de lazer.¹¹ O seu valioso tratado de geografia oriental, com efeito, apresenta uns poucos exemplos de intertextualidade, nomeadamente com referências a Aristóteles [384-322 a.C.], o “mestre da filosofia”, a “sumas” dedicadas às “coisas do mar Mediterrâneo”, e a antigos “tratados” de geografia, como a “cosmo[logia]

de “frade Anselmo” da Lombardia [século XIII] ou a obra de Ptolomeu [c.100-c.178].¹² Todas estas referências, contudo, são bastante vagas e podem não corresponder necessariamente a leituras concretas. Mas é provável que, no ambiente cortesão em que foi criado e em que trabalhou durante a primeira fase da sua vida, Pires tivesse tido oportunidade de consultar obras disponíveis na biblioteca régia. As outras referências livrescas contidas na *Suma Oriental*, entretanto, dizem respeito a algumas secções do Antigo Testamento, relacionadas nomeadamente com as façanhas dos soberanos persas.¹³

Entretanto, paralelamente a eventuais estudos humanísticos, é indubitável que Tomé Pires adquiriu profunda competência no ofício de boticário, tendo estes méritos profissionais justificado uma nomeação régia para “feitor das drogarias” na Índia, com um vencimento anual de “trinta mil reais”, acrescidos de “vinte quintais de drogarias”.¹⁴ Contudo, a sua aprendizagem profissional deve ter tido um carácter eminentemente prático, já que nunca refere autoridades



O porto de Banten, na ilha de Java, numa gravura de finais do século XVI.

livrescas quando, nos seus escritos, trata de drogas e de especiarias, assumindo antes, e de forma sistemática, uma postura empírica. O cargo atribuído ao boticário régio era importante, pois o seu detentor devia supervisionar todo o processo de escolha, aquisição e acondicionamento das drogas asiáticas enviadas para Portugal nos navios da carreira da Índia, de modo a evitar o embarque de mercadorias de fraca qualidade. Pouco antes da chegada de Tomé Pires ao litoral do Indostão, os navios portugueses tinham carregado “uma soma d’erva lombrigueira” de valor duvidoso, assim como “uma soma de ruibarbo podre” comprado em Malaca.¹⁵ A nomeação de um feitor para as drogarias visava precisamente evitar situações deste tipo, procurando rentabilizar ainda mais a intervenção portuguesa nos tráficos orientais. Entretanto, o feitor, uma vez estacionado na Ásia, poderia também responder a encomendas feitas directamente a partir de Portugal.

A partida de Tomé Pires rumo ao Oriente teve lugar em 1511, pois sabe-se que viajou na armada

de D. Garcia de Noronha [?-1540], que nesse mesmo ano largou de Lisboa com seis naus.¹⁶ A sua primeira escala em terras asiáticas parece ter sido Cananor,¹⁷ onde logo deu início ao desempenho das funções para que fora nomeado. Mas, logo depois, Afonso de Albuquerque [c.1462-1515], governador do então emergente Estado Português da Índia, achando-o “homem solícito”, resolveu despachá-lo para Malaca, a fim de tirar “inquirição” de numerosas irregularidades que estavam a ser cometidas naquela praça luso-malaia pelos funcionários da coroa lusitana.¹⁸ Em Julho de 1512 o nosso boticário desembarcava na estratégica cidade luso-malaia, que havia sido conquistada por forças portuguesas apenas um ano antes. E nos anos seguintes ali desempenharia diversas funções relacionadas com o tráfico de drogas e de especiarias, adquirindo uma enorme prática da terra e juntando considerável fortuna. Em carta escrita em finais de 1512 a um dos seus irmãos, menos de seis meses depois de chegar a Malaca, Pires dizia-se “rico mais



MARE CIN

Ins de Miaco

Quiura

pars.

Saendeber

Bandu

Hanc insulam M Paul Venet Zipangri vocat.

IAPAN.

Menlai

Malao

Hormar

Cangosma

Mazacar

Leguo maior

Leguo minor

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

Reex magos

OCEANVS

Los dos hermanos

Los Bolcanes

ORIENTALIS

Tropicus Cancr

Malabrigo



La farfana

Restinga de ladrones

ARCHIPELAGO DI S. LOS IARDINES

Ins de los corales

Insule Molucces celebres ob maxima aromatum copiam, quam per totum terrarum orbem trans ferunt, s. hinc, iuxta Gilolo nempe Tarenate, Tidore, Motir, Macchia et Bachia.

Circulus æquinoctialis.

y^a de crepos

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

y^a de los martires

NOVA GVINEA quam Andreas Corsalus Terram Piccinaculi appellare videtur. An insula sit, an pars continentis Australis incertum est.

Cum Privilegio.

HISTORIOGRAPHY

Página anterior: Mapa do Sudeste Asiático de origem portuguesa, publicado no *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraham Ortelius (Antuérpia, 1570).

do que cuidais”,¹⁹ lamentando embora a aspereza do clima e a dureza das condições de vida.²⁰

Tanto quanto se consegue apurar, a estada em Malaca apenas terá sido interrompida por uma expedição marítima realizada entre Março e Junho de 1513, na qual serviu de feitor de uma armada portuguesa que contactou numerosos portos javaneses.²¹ Diversas passagens da *Suma Oriental* testemunham visitas efectuadas a Sunda Calapa, a Demak, a Japara, a Sidayu, a Tuban, a Gresik (Agracim) e a outros potentados da costa setentrional da ilha de Java. É provável que, nesta ou noutra viagem, também tivesse visitado algumas regiões litorâneas da ilha de Samatra e, nomeadamente, Pasei (Pacém), Aru, Rupat, Kampar, Kualatungkal (Tuncal), Jambi e Barus.²² Numa determinada passagem do seu tratado geográfico, Pires, referindo-se à ilha de Samatra, afirma mesmo explicitamente “eu fui já por detrás desta ilha obra de 15 léguas”.²³ Entretanto, uma outra secção do tratado geográfico do nosso boticário parece dar a entender um conhecimento vivencial do Pegú, a “terra mais farta que todas as que temos vistas e sabidas”.²⁴ As relações regulares dos portugueses com o porto de Martabão, no Pegú, iniciaram-se logo em 1512. Assim, não é de todo impossível que Pires tivesse participado numa das expedições que regularmente se dirigiam àquela região da costa ocidental da Indochina.²⁵

Em Janeiro de 1515, após uma residência de dois anos e meio em Malaca, Tomé Pires empreendeu o regresso à Índia. É provável que o boticário português, na posse de uma considerável fortuna, projectasse voltar para Portugal no mais curto lapso de tempo. No fim de contas, em cartas dirigidas à família, ele falara com saudade do “grão prazer” que era “estar cada um onde nasceu e falam todos português”, questionando mesmo se as riquezas acumuladas compensariam tantos trabalhos e perigos passados.²⁶ Nada mais se consegue apurar sobre as movimentações do nosso homem até finais de 1515. Mas os seus eventuais planos de regresso à Europa seriam rapidamente postos de parte, pois em Setembro deste ano chegava ao litoral indiano o novo governador do Estado da Índia, Lopo Soares de Albergaria, que nas suas instruções trazia o encargo de despachar uma armada sob o comando de Fernão Peres de Andrade [c.1490-1552] para, entre outros assuntos urgentes, “assentar trato e amizade na China”.²⁷ Esta expedição deveria transportar um embaixador, que seria desembarcado em Cantão, para a partir daí tentar entrar

em contacto com os centros de poder chineses, estabelecendo as bases de um relacionamento pacífico, e mutuamente proveitoso, com os portugueses.²⁸

O cargo de embaixador veio a ser atribuído ao nosso Tomé Pires, graças a um curioso conjunto de circunstâncias. Em primeiro lugar, era pessoa de muito crédito, que, para além da dignidade que lhe era conferida pela idade, juntara uma considerável fortuna durante escassos anos de residência no Oriente. Ao mesmo tempo, era homem de baixa condição, facilmente sacrificável aos interesses do Estado, caso o relacionamento com os chineses não se desenvolvesse da forma prevista. Depois, em virtude das suas inegáveis habilitações profissionais, o boticário seria o homem mais apropriado para reconhecer as “muytas drogas” que se dizia existirem no Celeste Império.²⁹ Em quarto lugar, o interesse dos portugueses pela Ásia Oriental era basicamente mercantil, de modo que um experiente feitor das drogarias poderia avaliar devidamente todas as potencialidades de um futuro relacionamento com o mundo chinês. Por último, Tomé Pires, como foi antes referido, era amigo pessoal de Lopo Soares de Albergaria, o novo governador, com quem tivera oportunidade de conviver durante os anos de juventude, circunstância que teria contribuído sobremaneira para a sua nomeação.

Em finais de Abril de 1516, após alguns meses de preparativos, Fernão Peres de Andrade largava do litoral do Indostão com rumo a Malaca, levando a bordo o boticário e feitor, temporariamente promovido à dignidade de embaixador de el-rei de Portugal ao Celeste Império.³⁰ Tomé Pires, como é bem sabido, não regressaria desta viagem, pois, na sequência do fracasso desta primeira missão diplomática portuguesa a Pequim, seria impedido pelas autoridades chinesas de abandonar o território imperial e viria a falecer em data incerta, talvez por volta de 1527, algures na província de Guangdong.³¹ Contudo, antes de partir para esta jornada sem regresso, Tomé Pires, adivinhando talvez o destino incerto que lhe estava reservado, deixava para trás o precioso manuscrito da sua *Suma Oriental*, extenso e valioso compêndio de matérias asiáticas, laboriosamente composto ao longo dos três anos anteriores, sobretudo durante a estada em Malaca.³²

A *Suma Oriental* é, sem qualquer dúvida, um dos mais importantes e impressionantes tratados geográficos portugueses do século XVI, pela vastidão da área abrangida, pela profundidade e variedade das

HISTORIOGRAFIA

notícias que contém, pela sua desmesurada extensão, enfim, pela precocidade da sua elaboração. Tomé Pires, no curto espaço de pouco mais de três anos, no meio de outros, e intensos, afazeres, conseguiu reunir uma enorme massa de informações sobre a totalidade da Ásia marítima, desde o Mar Vermelho até à China, ao Japão e às mais remotas ilhas da Insulíndia. Muitas das diferentes secções da sua obra mantiveram uma completa actualidade durante décadas, ou mesmo séculos, não só porque o boticário lusitano fez uso de uma singular isenção e de um particular rigor na respectiva composição, mas também porque muitas das matérias tratadas na *Suma Oriental* constituíam absoluta novidade em termos de conhecimentos geográficos europeus.³³ Entretanto, um dos traços mais salientes da obra de Pires é o facto de, aparentemente, ter sido construída sem apoio de quaisquer antecedentes literários europeus.

Muitas regiões orientais haviam sido visitadas com alguma demora por viajantes europeus mais empreendedores nos séculos imediatamente anteriores à abertura, pelos portugueses, da rota do Cabo. E vários desses andarilhos tinham mesmo produzido curiosas relações de viagem, algumas das quais conheceram uma divulgação relativamente ampla, chegando inclusivamente a Portugal. O exemplo óbvio seria o conhecidíssimo, mas já então antiquado, *Livro das Maravilhas* de Marco Polo [c.1254-1323], redigido por volta de 1292 e logo depois circulado em sucessivas cópias manuscritas, que foi pela primeira vez impresso em versão portuguesa em Lisboa em 1502, na colectânea intitulada *Marco Paulo*, da responsabilidade de Valentim Fernandes [c.1450-1519]. Mas também se poderiam referir os mais recentes relatos de Nicolo de' Conti [c.1395-1469] e de Ludovico di Varthema [c.1470-c.1515], dois viajantes italianos que, com quase um século de intervalo, atingiram, nas suas peregrinações asiáticas, as ilhas mais ocidentais da Indonésia. O relato do primeiro, descrevendo extensas viagens realizadas entre 1419 e 1444, fora originalmente recolhido pelo humanista italiano Poggio Bracciolini [1380-1459], numa obra conhecida como *India recognita*, que foi primeiro impressa em Cremona em 1492. Uma versão portuguesa figurava igualmente no já citado *Marco Paulo* de Valentim Fernandes. O relato do segundo, que apresentava a narrativa autobiográfica de viagens

efectuadas na primeira década do século XVI, fora publicado pela primeira vez em Roma em 1510.³⁴

Na *Suma Oriental*, porém, não se encontra nenhum vestígio significativo destes ou de outros tratados europeus sobre matérias asiáticas, com excepção, talvez, de referências indirectas ao relato das imaginárias viagens de John de Mandeville, como adiante se sublinhará. Tomé Pires, curiosamente, escreve o seu compêndio sem antecedentes literários palpáveis, podendo, sem qualquer hesitação, ser considerado como um verdadeiro escritor de fronteira. Em primeiro lugar, porque trabalhava sobretudo a partir de Malaca, então o mais oriental dos entrepostos orientais ocupados pelos portugueses, base avançada do intenso movimento de exploração geográfica da Ásia que estava a ser protagonizado por Portugal. Em segundo lugar, porque, ao recolher abundantes notícias sobre muitas regiões asiáticas anteriormente mal conhecidas, ou mesmo totalmente desconhecidas, na Europa, alargava desmesuradamente os horizontes do saber geográfico ocidental. E em terceiro lugar porque adoptava, no seu processo de composição, métodos verdadeiramente inovadores, baseados sobretudo em critérios experienciais. Com efeito, o boticário português, logo na introdução ao seu tratado, fazia questão de se distanciar daqueles que escreviam “mais por novas que por prática”, sublinhando a seu próprio respeito que “nós cá tudo passamos, experimentamos e vemos”. Todavia, quando fora de todo em todo impossível efectuar observações em primeira mão, Pires tivera “a diligência de inquirir” junto de testemunhas fidedignas.³⁵

É difícil concluir se a ideia de compor um tratado de geografia oriental partiu do próprio Tomé Pires ou se resultou de uma encomenda expressa formulada por Afonso de Albuquerque antes da partida do boticário da Índia para Malaca. O célebre governador estava então empenhado na consolidação da presença portuguesa na Ásia, através da construção de uma vasta rede de feitorias e fortalezas, complementadas por uma política de aproximação a determinadas potências asiáticas. Este processo de contornos vagamente imperiais não podia dispensar uma ampla e rigorosa recolha de informações sobre as áreas que directa ou indirectamente interessavam aos portugueses. Ora é esse precisamente o objectivo da *Suma Oriental*: apresentar um alargado e circunstanciado panorama de todas as regiões da Ásia marítima que poderiam

HISTORIOGRAPHY

interessar à coroa portuguesa, em termos de uma intervenção lucrativa no comércio asiático.

O comércio e a mercadoria, aliás, são os fundamentos primeiros do tratado de Tomé Pires, que escreve explicitamente que o “trato de mercadoria é tão necessário que sem ele não se susteria o mundo” e que “este é o que enobrece os reinos, que faz grandes as gentes e nobilita as cidades, e o que faz a guerra e a paz”.³⁶ A singela intenção do tratado do boticário, assim, apresenta-se como mera descrição das terras que mantêm ligações mercantis com Malaca.³⁷ Todas as restantes regiões, que “não fazem a bem de mercadoria”,³⁸ são sistematicamente marginalizadas no texto da *Suma Oriental*, por não serem tão “notórias”.³⁹ Este programa, enunciado desde as primeiras linhas da obra, é efectivamente cumprido, pois Tomé Pires, de forma sistemática, e começando no Mar Vermelho, vai descrevendo sucessivamente todo a Ásia marítima, destacando em cada região os principais portos, as mercadorias que ali são intercambiadas, os preços cobrados, as moedas, pesos e medidas utilizadas, os direitos alfandegários vigentes, os câmbios praticados, as rotas seguidas e os calendários de viagem praticados. Paralelamente, contudo, a *Suma Oriental* é sobremaneira enriquecida com outros dados directa ou indirectamente relacionadas com as realidades mercantis. Assim, a propósito de numerosas regiões abordadas, o nosso boticário fornece muitas informações complementares, nomeadamente sobre a natureza dos respectivos sistemas políticos, as crenças da maioria da população, as potencialidades bélicas, as embarcações disponíveis localmente, a existência e estatuto de comunidades estrangeiras, bem como determinadas particularidades linguísticas. Estes dados, na maioria dos casos, tinham imediata utilidade para o projecto imperial português, já que se podiam revelar decisivos na escolha das formas de aproximação e de relacionamento a adoptar a respeito de determinadas regiões asiáticas menos conhecidas.

O conteúdo integral da *Suma Oriental* de Tomé Pires, que na época da sua elaboração permaneceu inédita e conheceu uma circulação bastante reduzida, é hoje conhecido através de uma única cópia quinhentista do manuscrito original, o qual teria sido enviado para Lisboa, endereçado a el-rei D. Manuel I [r.1495-1521], antes da partida do boticário e embaixador para a China em 1516.⁴⁰ A organização da obra, tal como aparece neste manuscrito, que se

conserva hoje em Paris, pode ser esquematizada da seguinte forma:

1. Livro primeiro – do Egipto a Cambaia, incluindo secções sobre as Arábias, o Egipto, a Pérsia, Cambaia, o Canará, Narsinga e o Malabar.
2. Livro segundo – de Cambaia a Goa, incluindo secções sobre o Decão e Goa.
3. Livro terceiro – de Bengala à Indochina, incluindo secções sobre Bengala, Arracão, o Pegú, o Sião, o Bramá, o Camboja, o Champá e a Cochinchina.
4. Livro quarto – da China ao Bornéu e a Lução, incluindo secções sobre a China, Java, as ilhas da Sunda Menor, as ilhas de Maluco, o Ceilão, os Léquios, o Japão, o Bornéu, os Luções e Samatra.
5. Livro quinto, com uma única secção dedicada a Malaca.

Uma análise cuidada deste manuscrito permite concluir que na altura da respectiva encadernação, que ocorreu em data incerta, alguns fólios foram trocados de lugar, pelo que a ordenação geográfica das matérias não é absolutamente coerente. Esta circunstância terá de ser tomada em consideração aquando duma eventual, e futura, edição crítica. Mas procedendo a uma reordenação de matérias verifica-se que, embora toda a Ásia marítima, desde o Mar Vermelho até ao Japão e às ilhas das Especiarias seja abrangida, nem todas as regiões asiáticas merecem idêntico tratamento, nem em termos de extensão, nem em termos de profundidade.

O manuscrito de Paris contém 60 fólios grandes, escritos de ambos os lados numa caligrafia regular, aproximadamente com a seguinte distribuição de conteúdos:

- | | | |
|-----|---|-----------|
| 1. | Ásia Ocidental
[Egipto, Arábia e Pérsia] | 6 fólios |
| 2. | Ásia do Sul
[Índia e Ceilão] | 11 fólios |
| 3. | Ásia Oriental
[China, Léquios e Japão] | 3 fólios |
| 4.1 | Ásia do Sudeste continental | 4 fólios |
| 4.2 | Ásia do Sudeste insular | 36 fólios |

Constata-se, assim, que o núcleo informativo essencial da *Suma Oriental*, em termos quantitativos, respeita ao Sudeste Asiático, ocupando um espaço duas vezes superior ao de todas as restantes regiões asiáticas consideradas em conjunto. Esta excepção é importância atribuída por Tomé Pires àquela parte da Ásia, e sobretudo à Insulíndia, tem várias explicações.

Sunday

[illegible][illegible]

Afebarara tamarit f3 quid f3o ngr reginarom biatara cum in 6 do
 rudo de vno dafada. no tempo d' f3e de uluimndou / equario d' f3e
 dafada. Saluamndou f3u mndari d' f3e mndou biatara rarpnam d' f3e
 vno d' f3e mndou l' f3e mndou

Eft batata rariſſima untuſo tempo deſperdo quando batena deſaca ſunt eunſo
que foudro em ſua lingua que deſpois deſgama bataram matare redonda

Este fez tudo fo que reamarem bataram sinagoga reedizem que fo do
do dade e hmo agudo que fizeo que argemura como ho dono bataram
matara e batara mataram fo tudo fizeo que argemura como ho dono bataram
Vigna rufiana mudefonna batara vigia que que argemura como ho dono bataram
Ronde ruf capitan ho agustian como batara argemura como ho dono bataram
Tirando da doo

Dizem os Jaes Dhotempo lobatara tomazei
tinge por tributarios sim rgo singapura
du tributarios Nongallo Savaia duhaia
Cingoro ximut fagaf

Ego vera amagipalimbao que ex vizãem detudo dubasale tybu
 tarlo dubasale amagipalimbao. Vnde rem lignoag. Easly. qrosm. E.
 o na parte mais longe porq na mais pto rempennando rempinda
 Mota pynre. Lignoag.

Inna Subagallo tributari sam-ryy tam/sonponza. out qn bza on dagonja
 Savria dolaoca. nramsonponza. Putunta tignona idultra tignona.

Mvedo sum egi palimbaao frou Guifigo du grandrebaao Comen
muydo Guimero ugnifformabon paranyrina / que zi du nalinga
Alara palimbaao Gromab ougabo rpa rufido am Guim dohinga
fataza tamarit quibregamaa paranyrite ougabo mro droyo mro mro
murete rufido Eque dngoraba nabaas grandemunde que mro
finauam mro mro mro dachidemia doli rufido mro mro mro
bagula mro mro mro. Ergamono: egrandi mro mro

HISTORIOGRAPHY

Por um lado, os portugueses tinham vindo para o Oriente sobretudo por razões comerciais, em demanda das mais raras e valiosas drogas e especiarias. Ora muitos dos produtos naturais que estavam na origem dessas cobiçadas mercadorias eram precisamente oriundos do Sudeste Asiático e mormente do grande arquipélago indonésio, não se encontrando alguns deles (como o craveiro ou a moscadeira, por exemplo) em nenhuma outra parte do mundo. Por outro lado, a parte insular da Ásia que se estendia de Samatra para leste, compreendendo mais de três mil ilhas, era, para os europeus da época, uma das mais misteriosas e menos bem conhecidas. Bastará lembrar que, poucos anos antes da chegada dos portugueses à Índia, o genovês Cristóvão Colombo [1451-1506] conseguira, com algum sucesso, difundir um pouco por toda a Europa a noção de que as suas viagens de exploração marítima, na realidade efectuadas ao largo da costa oriental da América central, tinham atingido a Aurea Quersoneso dos geógrafos clássicos, tradicionalmente identificada com a Península Malaia.⁴¹ Enfim, por outro lado ainda, e tal como já foi referido, Tomé Pires preparou o seu tratado geográfico em Malaca, que era então o ponto de confluência de vastíssimas redes mercantis que cruzavam toda a Insulíndia. Nenhum outro local no mundo seria mais indicado para proceder a um levantamento geográfico exaustivo das partes mais orientais da Ásia, pois, como o próprio Tomé Pires afirmava, Malaca “é cidade que foi feita para a mercadoria, mais apta que todas as do mundo, cabo de monções, princípio doutras”.⁴² E numa outra passagem, aludindo ao cosmopolitismo da importante cidade luso-malaia, escrevia que no “porto de Malaca muitas vezes se acharam nele oitenta e quatro linguagens, cada uma por si”.⁴³

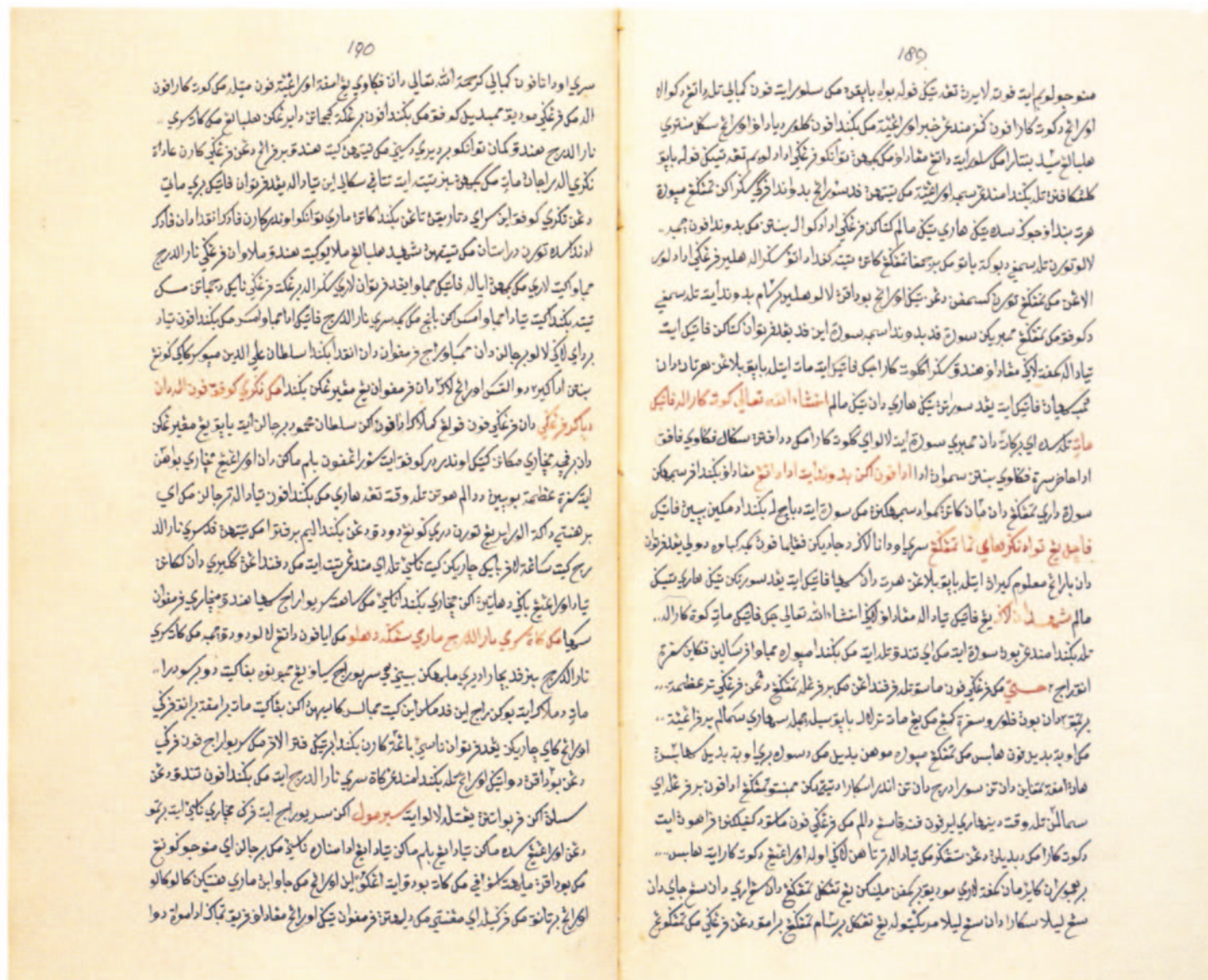
Entretanto, talvez valha a pena salientar que o núcleo primordial da obra, em função do qual se ordenam as matérias referentes ao Sudeste Asiático, parece ser a descrição de Malaca, independentemente da sua localização actual na parte final do manuscrito de Paris.⁴⁴ Com efeito, referências dispersas espalhadas ao longo desta secção da obra do boticário português remetem sempre para mais tarde a descrição de outras regiões asiáticas que mantinham relações mercantis com este porto luso-malaio. E neste contexto pode ser lembrado que, em Novembro de 1512, escassos seis meses depois de chegar ao Sudeste Asiático, Tomé Pires tinha já preparado um substancial relatório sobre as

“coisas de Malaca”, destinado a “el-Rei nosso senhor”, que contava enviar para Lisboa logo que possível.⁴⁵ Tratar-se-ia certamente de um primeiro esboço do seu inovador tratado geográfico, centrado basicamente na descrição de Malaca e da Insulíndia. A ideia de transformar a *Suma Oriental* num compêndio global de geografia asiática só surgiria depois, à medida que as informações disponíveis se iam acumulando. Em abono desta ideia, pode referir-se a circunstância de muitas das notícias referentes às regiões asiáticas que se estendiam desde o Mar Vermelho até ao cabo de Comorim datarem da segunda metade de 1513.⁴⁶

No fim de contas, convém não esquecer o lugar central ocupado por Malaca no contexto dos grandes tráficos marítimos asiáticos, que fazia com que ali aportassem regularmente embarcações oriundas de todos os grandes portos orientais, desde a costa ocidental de África até ao litoral do longínquo Celeste Império. Nas palavras do próprio Tomé Pires, em Malaca tratavam “mouros do Cairo, de Meca, d’Ádem, abexins, [gente] de Quíloa, de Melinde, d’Ormuz, pársios, turcos, turquimães, arménios cristãos, guzerates, [gente] de Chaul, [de] Dabul, de Goa, do reino de Daquéim, malabares e quelins, mercadores d’Orixá, de Ceilão, Bengala, d’Arração, pegús, siames, [gente] de Quedá, malaio, [gente] de Pão, Patane, Camboja, Champar, Cauchinchina, da China, léquios, bornéus, luções, [gente de] Tanjanpura, Lave, Banca, Linga [...], Maluco, Banda, Bima, Timor, Madura, Java, Sunda, Palimbão, Jambi, Tuncal, Andragiri, Capo [?], Campar, Menencabo, Siak, Rupert, Arqua [?], d’Aru, Bata [...], Pacém, Pedir [e Mal]diva”.⁴⁷ Um alto funcionário da feitoria portuguesa, desde que se mostrasse suficientemente diligente, não teria grandes dificuldades em obter todo o tipo de informações registadas na *Suma Oriental*, referentes não só a pesos, medidas, produtos, rotas e calendários de viagens, mas também a práticas sociais e culturais, e também a assuntos de natureza política e militar. Aliás, o nosso autor utiliza mais do que uma vez expressões do tipo “eu me certifiquei por muitos”, ou “dizem os mercadores”, ou ainda “o que as nações de cá deste levante contam”.⁴⁸ E, a propósito, será possível determinar, com algum rigor, quais as principais fontes de informação que estão na origem do tratado do boticário português?

Tomé Pires, já foi antes referido, não dispunha de precedentes literários europeus significativos, ao

HISTORIOGRAFIA

Manuscrito da crónica malaia *Sejarah Melayu* (século XVI).

menos no que tocava à descrição das regiões mais orientais da Ásia marítima. Não se encontram, com efeito, na *Suma Oriental*, vestígios seguros de anteriores relatos de viagem europeus. Os poucos indícios que poderiam sugerir um eventual recurso à literatura geográfica produzida na Europa encontram-se, por um lado, na enigmática menção às limitações informativas de alguns escritores que “se deviam vir limpar de seus tratados”⁴⁹ e, por outro lado, nas referências a alguns dos mitos que a tradição geográfica europeia situara, desde tempos

antigos, nas partes do Oriente. Assim, o boticário, em dada ocasião, fala das “mulheres que nós dizemos amazonas”, que habitavam um dos reinos do Indostão; noutra altura, refere-se a uma ilha nas proximidades de Samatra onde não viviam “senão mulheres”, acerca das quais se dizia que “emprenham do vento”; e ainda em outra passagem menciona “os homens das orelhas grandes, que se cobrem com elas”, que viveriam na ilha de Papua.⁵⁰

Estas referências míticas poderiam ter-se inspirado numa eventual leitura ou audição de

HISTORIOGRAPHY

passagens do *Livro das Maravilhas do Mundo* de John de Mandeville, um tão conhecido quão fantasioso relato de viagens por terras ultramarinas, preparado por um anónimo físico belga em meados do século XIV, que conheceu enorme divulgação um pouco por toda a Europa. Um exemplar manuscrito dessa obra, curiosamente, existia na biblioteca régia no tempo em que Tomé Pires exerceu funções de boticário da família real portuguesa.⁵¹ Mas, em abono da verdade, deve sublinhar-se que o nosso tratadista revela um grande cepticismo em relação a todos estes mitos. Assim, a propósito da eventual existência da ‘ilha das mulheres’, afirma que “jaz esta fé no povo, como no povo outras amazonas”.⁵² E sobre as grandes orelhas dos papuanos regista que nunca vira “que[m] visse outro que as visse”, concluindo que “jaz isto no pouco que é assim”.⁵³ Enfim, para ele, o critério da experiência ou a informação de testemunhas fidedignas sobrepunham-se às antigas crenças livrescas.

Os processos de composição da *Suma Oriental* são repetidamente frisados pelo seu autor, começando pela necessidade de “pôr em escrito” muitas das “coisas tão grandes” que tivera oportunidade de observar nas suas andanças asiáticas. Mas não só, pois Tomé Pires, desde a abertura do seu tratado geográfico, sublinha que teve a “diligência de inquirir” junto de terceiros tudo aquilo que não viu.⁵⁴ Assim se constrói um saber inovador, que ultrapassa a tradição: quando o escritor não pode deslocar-se pessoalmente a determinados lugares para efectuar as suas indagações, deposita inteira confiança em “quem lá foi” e detém o estatuto de testemunho presencial.⁵⁵ Ou seja, as notícias recolhidas pelo boticário português resultam basicamente de vivências pessoais e de contributos de um vasto leque de informadores. Quem eram estes informadores? Por um lado, outros funcionários da administração portuguesa do Estado da Índia, como capitães, pilotos ou feitores, que regularmente escalam Malaca, onde dão conta de impressões recolhidas por ocasião de viagens de exploração efectuadas um pouco por toda a Ásia marítima. Por outro lado, mercadores, pilotos e embaixadores asiáticos oriundos das mais diversas paragens, igualmente contactados em Malaca.⁵⁶ As informações recolhidas, entretanto, tanto podiam ser resultado de mera troca de impressões orais, como estarem consignadas em relatórios escritos ou em trabalhos cartográficos. É difícil reconstituir caso a caso o tipo de fonte utilizada para cada região asiática.

Contudo, um exemplo merece especial destaque. Ao tratar de Malaca, Tomé Pires traça um elaborado quadro da história daquela região antes da conquista portuguesa. E, em determinados pontos, parece estar a transcrever documentação escrita de origem malaia ou javanesa, pois menciona repetidamente a “crónica” e a “história dos jaus”.⁵⁷ O que sugere que o nosso boticário poderia ter tido acesso a um dos primeiros esboços dos *Sejarah Melayu*, anais históricos malaio compilados nos princípios do século XVII.⁵⁸

A especial e central importância ocupada na *Suma Oriental* pelos materiais referentes a Malaca e à Insulíndia pode ser comprovada através de um outro argumento, como se verá já de seguida. Tomé Pires terá enviada para Portugal uma cópia do seu tratado pouco tempo antes de seguir para a China como embaixador da coroa portuguesa, o qual foi cuidadosamente guardado em Lisboa, nos arquivos reais, conhecendo nos anos seguintes uma reduzidíssima circulação. Portugal procurava então limitar a quantidade e a qualidade das informações que transmitia para a Europa sobre as regiões asiáticas que se estendiam para leste de Malaca, por evidentes razões estratégicas. Mas sobretudo porque de Espanha chegavam desde cerca de 1512 alarmantes rumores sobre a hipótese de os espanhóis tentarem alcançar pelo via do poente as míticas ilhas das Especiarias, que os portugueses, entretanto, já haviam identificado com as ilhas de Maluco. A expedição de Fernão de Magalhães, que em 1521 atingiu as ilhas mais orientais da Insulíndia e as mais tarde chamadas Filipinas, veio inaugurar a célebre ‘questão das Molucas’, diferendo diplomático que até 1529 dividiu as coroas portuguesa e espanhola a propósito dos direitos de posse sobre as ilhas indonésias onde eram produzidas algumas das mais valiosas especiarias asiáticas.⁵⁹

Nos anos em que Portugal e Espanha debatiam a questão das Molucas, mais precisamente entre 1525 e 1528, o humanista Andreas Navagero [1483-1529] passou por Lisboa, numa missão que, entre outros objectivos, envolvia a recolha de notícias portuguesas sobre a Ásia.⁶⁰ Entre outros materiais, o italiano conseguiu obter uma cópia da *Suma Oriental*, que levaria para Veneza e faria chegar às mãos do erudito Giovanni Battista Ramusio [1485-1557], então ocupado em compilar de forma sistemática relatos de viagem da mais diversa natureza.⁶¹ A cópia do tratado de Tomé Pires obtida em Lisboa, contudo, era assaz

HISTORIOGRAFIA



Desenhos panorâmicos das ilhas de Pantar e Alor, na Indonésia, do *Livro* de Francisco Rodrigues (1512).

incompleta, já que lhe faltavam as secções referentes a Malaca e à Insulíndia, que ocupavam praticamente dois terços da versão original. Ramusio veio a publicar uma versão italiana do texto obtido no primeiro volume da sua célebre colectânea de viagens *Navigazioni et Viaggi*, impresso em Veneza em 1550.⁶² No prefácio ao “Sommario di tutti li regni, città, & popoli orientali”, o editor veneziano queixava-se das dificuldades encontradas na obtenção do manuscrito: “con grandissima fatica e difficultà avendo mandato a farla trascrivere insino a Lisbona, a pena ne abbiamo potuto avere una copia, e quella anche imperfetta”.⁶³ O exemplar obtido, entretanto, não tinha nome de autor, certamente por lhe faltarem as páginas da dedicatória, único local onde figurava a referência a “Tomé Pires”,⁶⁴ pelo que foi publicado anonimamente. A conjuntura

que então se vivia na Península Ibérica assim justificava que todas as informações respeitantes às paragens mais orientais da Insulíndia fossem tratadas em Portugal com o maior sigilo, de modo a não fornecer a eventuais competidores um excessivo conhecimento do terreno. E a *Suma Oriental* continha precisamente as mais exaustivas e mais rigorosas notícias que até então haviam sido obtidas por europeus sobre a parte insular do Sudeste Asiático.

Tanto quanto se pode apurar, as secções da *Suma Oriental* referentes a Malaca e à Insulíndia só viriam a ser utilizadas, mesmo em Portugal, décadas mais tarde, quando a ‘questão das Molucas’ perdera a sua actualidade, e mesmo assim sempre por escritores que funcionavam em ambientes muito próximos do poder régio. Por um lado, o cronista oficioso João de Barros

HISTORIOGRAPHY

parece ter utilizado alguns materiais do tratado de Tomé Pires nas descrições que na sua *Terceira Década da Ásia*, publicada em Lisboa em 1563, apresenta de Malaca e da ilha de Samatra.⁶⁵ Por outro lado, Afonso Brás de Albuquerque, o filho do célebre governador, também terá consultado uma cópia do tratado do boticário português, talvez mesmo o exemplar que pertencera a Afonso de Albuquerque, já que apresenta nos seus *Comentários*, publicados em Lisboa em 1557, informações detalhadas sobre Malaca e nomeadamente sobre o período anterior à conquista portuguesa, que seriam difíceis de obter em outras fontes.⁶⁶

Valerá agora a pena analisar com algum detalhe as secções da *Suma Oriental* dedicadas a Malaca e à Insulíndia, que, como já foi argumentado, constituem o núcleo primitivo, e simultaneamente mais inovador e mais desenvolvido, do tratado do boticário português. Estas secções assumem aproximadamente a seguinte importância quantitativa:

Malaca	16 fólhos
Java	9 fólhos
Samatra	8 fólhos
Ilhas das Especiarias	5 fólhos
Bornéu	1,5 fólhos
Ilhas da Sunda Menor	1,5 fólhos

Estacionado em Malaca, Tomé Pires dedica-se então a coleccionar notícias sobre a cidade e sobre a vasta rede mercantil que, a partir dela, se estendia em todas as direcções. No fim de contas, a ocupação portuguesa da praça malaia tivera propósitos essencialmente comerciais, pelo que em 1512 haveria uma urgente necessidade de conhecer de forma mais aprofundada todo esse mundo exótico. A secção sobre Malaca, de forma compreensível, é a mais desenvolvida em todo o tratado (16 fólhos),⁶⁷ pois o autor, para além de fornecer um elaborado esboço da complexa história política anterior à chegada dos portugueses, fornece ainda notícias desenvolvidas sobre um sem-número de matérias, que abrangem a geografia dos territórios dependentes de Malaca e os respectivos recursos em gente e em mercadorias, a organização do sistema político, o funcionalismo público, as práticas de justiça, o direito sucessório, algumas práticas sociais, as comunidades mercantis estrangeiras, a situação linguística e religiosa, e, evidentemente, tudo o que diz respeito à mercancia, como produtos disponíveis e em falta, moedas, pesos, direitos alfandegários, etc.

Em termos de importância quantitativa e qualitativa, de seguida surge a secção dedicada ao “arquipélago das ilhas que começam em Singapura” e se estendem “até Maluco”.⁶⁸ É aqui que surgem as maiores novidades em termos de conhecimentos geográficos europeus, pois os portugueses abordavam pela primeira vez muitas regiões que até então haviam sido total ou parcialmente desconhecidas na Europa. Mas, obviamente, Tomé Pires não dedica idêntica atenção a todas as regiões indonésias, já que os seus propósitos estão bem longe da pura curiosidade, pautando-se antes por um claro pragmatismo. Com efeito, ele estabelece nas suas descrições uma hierarquia implícita, na qual se podem detectar óbvias ligações ao mundo da mercadoria e aos interesses da coroa portuguesa, já que um maior destaque informativo é concedido a todas as regiões onde existem produtos e bens susceptíveis de interessar aos portugueses.

A “próspera e soberba e rica e cavaleirosa ilha de Java”, que é claramente percebida como um dos mais importantes núcleos civilizacionais da Insulíndia, merece uma elaboradíssima “descrição e recontamento”⁶⁹ (9 fólhos), que inclui não só dados utilitários relativos à mercancia, mas também informes sobre muitas práticas sociais e culturais. As notícias sobre os diversos potentados javaneses, muitos dos quais mantinham intensas relações com Malaca, revelam um carácter vivencial, pois, como foi antes referido, Tomé Pires teve oportunidade de visitar muitos portos desta ilha. Esta circunstância, aliás, permite-lhe mesmo traçar um esboço da mentalidade e do comportamento dos ‘pates’ do litoral da ilha de Java,⁷⁰ termo que “em Malaca quer dizer mandarins e em nossa linguagem verdadeiramente governadores com poder de cível e crime”.⁷¹

De seguida, em termos de importância relativa, surgem as secções dedicadas a Samatra (8 fólhos) e às ilhas das Especiarias (5 fólhos), incluindo estas últimas, nomeadamente, as ilhas de Banda, Amboíno e Maluco. A primeira ilha, evidentemente, não podia ser ignorada, pois estava situada em frente a Malaca e os portugueses tinham com ela frequentíssimos contactos, nem sempre de natureza pacífica.⁷² Assim, Tomé Pires descreve-a com alguma minúcia, dedicando especial atenção às regiões do litoral setentrional, mas não esquecendo alguns potentados do interior. Também aqui é patente alguma experiência vivencial. O grupo das chamadas ilhas de Maluco, por outro lado, é considerado “da

HISTORIOGRAFIA



Retrato de Afonso de Albuquerque no *Códice de Lisuarte de Abreu* (c. 1564).

navegação e jurisdição” do monarca português,⁷³ merecendo, por isso mesmo, toda a atenção, tanto mais que daquelas remotas paragens da Insulíndia eram originárias algumas das mais raras e valiosas especiarias.⁷⁴ Finalmente, a *Suma Oriental* inclui duas secções muito curtas, dedicadas às ilhas da Sunda Menor (1,5 fólios) e ao Bornéu (1,5 fólios).⁷⁵ Tanto numa região como na outra Tomé Pires vislumbra potencialidades mercantis que podem interessar aos portugueses, a nível de mercadorias exóticas, sobretudo. O cabedal de notícias recolhidas a respeito destas ilhas,

entretanto, parece ser directamente proporcional à importância que elas detinham no contexto dos tráficos inter-regionais e internacionais.

Outras partes da Insulíndia, que não eram frequentadas pelos portugueses ou que, de um ponto de vista mercantil e/ou estratégico, para eles não detinham especial interesse são deliberadamente excluídas da *Suma Oriental*. Tomé Pires, em diversas ocasiões, faz questão de sublinhar que “nosso intento não é escrever destas ilhas”, referindo-se sempre a todas aquelas regiões que não estavam envolvidas de forma

HISTORIOGRAPHY

intensa em tratos mercantis.⁷⁶ A determinado passo afirma mesmo que, a respeito da Insulíndia, a sua tenção não é ser exaustivo, deixando para outros mais prolixos do que ele a descrição da “infinidade d’ilhas que há do estreito de Campar até Banda e do estreito de Singapura até às ilhas de Japão”, pois o seu intento é meramente abordar as ilhas “com que Malaca trata” e as que “tratam com Malaca”.⁷⁷

Entretanto, de passagem, vão surgindo ao longo destas secções da *Suma Oriental* notícias de carácter mais global, com indiscutível interesse para o conhecimento da história do Sudeste Asiático. Assim, por exemplo, Tomé Pires repara na desestruturação temporária que a conquista de Malaca provocou um pouco por todo o arquipélago indonésio, e que a breve trecho iria conduzir a reordenamentos políticos diversos.⁷⁸ Ou contrapõe, nas principais ilhas, a mais elaborada civilidade das populações do litoral, ligadas ao trato comercial, à rusticidade das gentes do interior.⁷⁹ Ou sublinha as íntimas relações de parentesco que ligam entre si os soberanos de numerosos potentados indonésios.⁸⁰ Ou menciona a existência, até um período anterior em cerca de um século à chegada dos portugueses, de um poderoso império javanês, do qual ainda sobreviviam alguns traços.⁸¹ Ou destaca a recente, mas muito sistemática, expansão do islamismo por toda a Insulíndia, ao longo das principais rotas mercantis e sobretudo nas regiões ribeirinhas.⁸² A este propósito talvez não seja impróprio sublinhar que o boticário português mantém, em relação ao Islão, uma atitude de relativa abertura, pois, apesar de se referir inúmeras vezes a potentados e a comunidades mercantis muçulmanas, muito raramente utiliza uma adjectivação que possa ser considerada negativa. A única excepção surge no texto introdutório da *Suma Oriental*, onde se refere à “falsa opinião

diabólica do nefando, ignominioso, falso Mafamede”,⁸³ mas com intuitos claramente retóricos.

CONCLUSÃO

A obra de Tomé Pires, como terá ficado bem patente nesta breve abordagem, constitui uma fonte histórica de extraordinário valor a múltiplos níveis. Em primeiro lugar, como obra revolucionária no contexto da história da geografia europeia, pois impõe um momento de total ruptura no processo de conhecimento europeu de muitas regiões da Ásia e mormente das suas partes mais orientais. Depois, como documento insubstituível na construção da história do Sudeste Asiático, já que apresenta um circunstanciado panorama político e económico desta vasta região asiática num período especialmente conturbado, que coincide com a entrada em cena dos europeus. Em terceiro lugar, a *Suma Oriental* vale como vastíssimo repositório de informações etnográficas, muitas delas inéditas e obtidas em primeira mão, sobre muitos povos orientais, mormente sobre as populações que habitavam as inúmeras ilhas do arquipélago indonésio. Finalmente, como testemunho de um momento privilegiado na história das relações da Europa com a Ásia e sobretudo com a Insulíndia. Valerá a pena recordar, entretanto, que a obra do boticário português apresenta o último grande retrato do Sudeste Asiático antes da chegada em força dos europeus. Daí para diante, muita coisa iria mudar. A *Suma Oriental* de Tomé Pires, apesar de tudo, continua a ser uma fonte pouco explorada pelos especialistas.⁸⁴ Talvez uma edição crítica, produzida por uma equipa multidisciplinar e plurinacional, ajudasse a chamar a atenção para este verdadeiro clássico da literatura geográfica portuguesa. **RC**

NOTAS

- 1 Para uma abordagem genérica da vida e obra de Tomé Pires, vd. Rui Manuel Loureiro, “Tomé Pires”, pp. 43-47, bem como a bibliografia aí citada.
- 2 Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, L. Soares, cap. 4 (vol. 2, p. 473).
- 3 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 7, p. 59. Todas as citações de fontes são modernizadas.
- 4 Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento*, liv. 4, cap. 4 (vol. 1, p. 876).
- 5 Vd. Jaime Walter, “Simão Álvares”, pp. 127-128.
- 6 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 345.

- 7 Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 91, pp. 255-257. Para discussão das informações fornecidas por Mendes Pinto, vd. Rui Manuel Loureiro, “A China de Fernão Mendes Pinto”, pp. 137-177.
- 8 Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, L. Soares, cap. 4 (vol. 2, p. 473).
- 9 Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento*, liv. 4, cap. 4 (vol. 1, p. 876).
- 10 João de Barros, *Década III*, liv. 2, cap. 8 (vol. 5, p. 217).
- 11 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 134.
- 12 Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 129 e 133.

HISTORIOGRAFIA

- 13 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 152.
- 14 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 7, p. 4.
- 15 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 446.
- 16 Cf. Jaime Walter, “Simão Álvares”, p. 138.
- 17 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 7, p. 58.
- 18 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 1, p. 145.
- 19 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 7, p. 59.
- 20 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 7, pp. 58-59.
- 21 Cf. *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 3, p. 93.
- 22 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 260-287.
- 23 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 283.
- 24 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 229.
- 25 Vd. Geneviève Bouchon, “Les premiers voyages portugais”, pp. 127-157.
- 26 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 7, p. 59.
- 27 Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento*, liv. 3, cap. 152 (vol. 1, p. 856).
- 28 Sobre o relacionamento dos portugueses com a China no século XVI, vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, passim.
- 29 Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento*, liv. 4, cap. 4 (vol. 1, p. 876).
- 30 Sobre a expedição de Fernão Peres de Andrade a Cantão, vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp. 191-246.
- 31 Sobre a embaixada de Tomé Pires, vd. Rui Manuel Loureiro, “A malograda embaixada”, pp. 39-55.
- 32 Para uma detalhada análise do conteúdo informativo da *Suma Oriental*, vd. A.A. Banha de Andrade, *Novos Mundos do Mundo*, vol. 2, pp. 580-627. O confronto sistemático entre a *Suma Oriental* e o *Livro de Duarte Barbosa*, o outro grande tratado de geografia asiática preparado nas primeiros anos do século XVI, ainda não foi feito; vejamos-se, no entanto, as observações de Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento*, pp. 143-168.
- 33 Para um panorama dos conhecimentos europeus sobre o Sudeste asiático nos séculos XV e XVI, vd. respectivamente Thomas Suárez, *Early Mapping*, passim, e Donald F. Lach, *Southeast Asia*, passim.
- 34 Vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp. 45-87; e Pietro Barozzi, *Ludovico De Varthema*, passim.
- 35 Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 131 e 133.
- 36 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 132.
- 37 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 349.
- 38 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 329.
- 39 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 130.
- 40 Esta cópia, desaparecida durante séculos, conserva-se hoje na Bibliothèque de l'Assemblée Nationale, em Paris (Ms. 1248 [Ed. 19], fls. 117-178), e foi há anos objecto de uma notável edição diplomática, preparada por Armando Cortesão, um dos mais influentes historiadores da cartografia portuguesa, que descobriu o manuscrito parísino em 1937 (vd. Tomé Pires, *Suma Oriental*, passim). Para a história editorial da obra de Tomé Pires, vd. Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa*, pp. 27-43.
- 41 A propósito das concepções geográficas colombinas, vd. Juan Gil, *Mitos y utopías*, vol. 1, passim.; e também Rui Manuel Loureiro, “A Ásia Oriental”, pp. 9-34.
- 42 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 441.
- 43 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 422.
- 44 Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 381-444.
- 45 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, vol. 7, p. 59.
- 46 Vd. Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa*, pp. 28-29.
- 47 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 422. Vd. Paul Wheatley, *The Golden Khersonese*, pp. 306-320.
- 48 Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 159, 227 e 252, respectivamente.
- 49 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 131.
- 50 Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 193, 283-284 e 349, respectivamente.
- 51 Vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp. 58-62.
- 52 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 284.
- 53 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 349.
- 54 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 131.
- 55 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 336.
- 56 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 283, 286, 288, 336, 345, 381, etc.
- 57 Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 381 e 385.
- 58 Vd. Richard Winstedt, *A History*, pp. 158-162.
- 59 Sobre a questão das Molucas, vd. Luís de Albuquerque e Rui Graça Feijó, “Os pontos de vista de D. João III”, pp. 527-545.
- 60 George B. Parks, “The Contents and Sources”, p. 2.
- 61 Vd. George B. Parks, “The Contents and Sources”, pp. 1-39.
- 62 Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni e Viaggi*, vol. 2, pp. 715-778. As primeiras edições dos restantes volumes da colectânea seriam publicados em 1556 (volume 3) e 1559 (volume 2), também em Veneza (cf. George B. Parks, “The Contents and Sources”, passim). Vd. a propósito Luciana Stegagno Picchio, “Portugal e Portugueses”, pp. 9-25.
- 63 Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni e Viaggi*, vol. 2, p. 541.
- 64 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 135.
- 65 Cf. João de Barros, *Década II*, liv. 6, cap. 1 (vol. 4, pp. 1-27) e *Década III*, liv. 5, cap. 1 (vol. 5, pp. 505-513). A sugestão referente a Samatra foi avançada por Armando Cortesão (*Suma Oriental*, pp. 378-379, n. 394).
- 66 Cf. Afonso Brás de Albuquerque, *Comentários*, pt. 3, caps. 17-18 (vol. 2, pp. 83-99). Vd. Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, pp. 590-596, onde algumas destas coincidências textuais são devidamente realçadas.
- 67 Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 381-444.
- 68 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 328.
- 69 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 287.
- 70 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 287-324.
- 71 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 275.
- 72 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 378-380.
- 73 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 332.
- 74 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 330-349.
- 75 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 324-330 e 374-377, respectivamente.
- 76 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 349.
- 77 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 349.
- 78 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 343, por exemplo.
- 79 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 352.
- 80 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 269, 270, 273, etc.
- 81 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 296.
- 82 Cf. Tomé Pires, *Suma Oriental*, pp. 296, 339, 375, etc.
- 83 Tomé Pires, *Suma Oriental*, p. 130. Vd. a propósito A.A. Banha de Andrade, *Mundos Novos*, p. 585.
- 84 Vd. aproveitamento exemplar das informações de Tomé Pires em M.A.P. Meilink-Roelofs, *Asian Trade*, pp. 13-172, e em Anthony Reid, *Southeast Asia*, passim.

HISTORIOGRAPHY

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, Afonso Brás de – *Comentários de Afonso de Albuquerque*. Edição de Joaquim Veríssimo Serrão. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.
- Albuquerque, Luís e Feijó, Rui Graça – “Os pontos de vista de D. João III na Junta de Badajoz-Elvas”. In *A Viagem de Fernão de Magalhães e a Questão das Molucas*. Edição de Avelino Teixeira da Mota. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1975, pp. 527-545.
- Andrade, António Alberto Banha de – *Mundos Novos do Mundo - Panorama da Difusão, pela Europa, de Notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*. 2 vols. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972.
- Barozi, Pietro – *Ludovico De Varthema e il suo Itinerario*. Roma: Società Geografica Italiana, 1996.
- Barreto, Luís Filipe – *Descobrimentos e Renascimento*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- Barros, João – *Da Ásia* (Lisboa, 1777). Edição fac-similada. 8 vols. Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1973.
- Bouchon, Geneviève – “Les premiers voyages portugais a Pasai et a Pegou (1512-1520)”. *Archipel* (Paris), vol.18, 1979, pp.127-157.
- Cartas de Afonso de Albuquerque*. Edição de Henrique Lopes de Mendonça e Raimundo António de Bulhão Pato. 7 vols. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1884-1935.
- Castanheda, Fernão Lopes de – *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. 2 vols. Porto: Lello & Irmão, 1979.
- Correia, Gaspar – *Lendas da Índia*. Edição de Manuel Lopes de Almeida. 4 vols. Porto: Lello & Irmão, 1975.
- Gil, Juan – *Mitos y utopías del Descubrimiento*. 3 vols. Madrid: Alianza, 1989.
- Lach, Donald F. V – *Southeast Asia in the Eyes of Europe - The Sixteenth Century*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.
- Loureiro, Rui Manuel – “A Ásia Oriental nos primeiros escritos de Colombo”, *Cadernos Históricos* (Lagos), vol. 7, 1996, pp. 9-34.
- Loureiro, Rui Manuel – *O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires (Contribuição para uma Edição Crítica)*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1996.
- Loureiro, Rui Manuel – “A China de Fernão Mendes Pinto, entre a realidade e a imaginação”. In *Estudos de História do Relacionamento Luso-Chinês - Séculos XVI-XIX*. Coordenação de António Vasconcelos Saldanha e Jorge Manuel dos Santos Alves. Macau: Instituto Português do Oriente, 1996, pp. 137-177.
- Loureiro, Rui Manuel – *Em Demanda do Oriente - Viagens e Notícias Quatrocentistas*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.
- Loureiro, Rui Manuel – “A malograda embaixada de Tomé Pires a Pequim”. In *Portugal e a China - Conferências no II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*. Coordenação de Jorge Manuel dos Santos Alves. Lisboa: Fundação Oriente, 1999, pp. 39-55.
- Loureiro, Rui Manuel – “Tomé Pires - boticário, tratadista e embaixador”. In *Os Fundamentos da Amizade - Cinco Séculos de Relações Culturais e Artísticas Luso-Chinesas*. Coordenação de Fernando António Baptista Pereira. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 1999, pp. 43-47.
- Loureiro, Rui Manuel – *Fidalgos, Missionários e Mandarins - Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000.
- Meilink-Roelofs, M. A. P. – *Asian Trade and European Influence in the Indonesian Archipelago between 1500 and about 1630*. Haia: Martinus Nijhoff, 1969.
- Parks, George B. – “The Contents and Sources of Ramusio's Navigationi”. In Gian Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi - Venice 1563-1606*. Edição de R.A. Skelton & George B. Parks. 3 vols. Amsterdão: Theatrum Orbis Terrarum Ltd., 1967-1970, vol. 3, pp. 1-39.
- Picchio, Luciana Stegagno – “Portugal e Portugueses no livro das Navigazioni de G.B. Ramusio”. *Revista da Universidade de Coimbra* (Coimbra), vol. 32, 1986, pp. 9-25.
- Pinto, Fernão Mendes – *Peregrinação*. Edição de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.
- Pires, Tomé – *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Edição de Armando Cortesão. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1978 [*Suma Oriental*: pp. 129-444].
- Ramusio, Giovanni Battista – *Navigazioni e Viaggi*. Edição de Marica Milanesi. 6 vols. Turim: Einaudi, 1978-1988.
- Reid, Anthony – *Southeast Asia in the Age of Commerce, 1450-1680*. 2 vols. New Haven & Londres: Yale University Press, 1988-1993.
- Suárez, Thomas – *Early Mapping of Southeast Asia*. Hong Kong: Periplus Editions, 1999.
- Walter, Jaime – “Simão Álvares e o seu rol das drogas da Índia”. *Studia* (Lisboa), n.º 10, 1962, pp. 117-149.
- Wheatley, Paul – *The Golden Khersonese*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1973.
- Winstedt, Richard – *A History of Classical Malay Literature*. Kuala Lumpur: Oxford University Press, 1977.